

História e Política:

**Pensamentos
constitutivos
e críticos**



Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2021

História e Política:

**Pensamentos
constitutivos
e críticos**



Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

História e política: pensamentos constitutivos e críticos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadora: Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História e política: pensamentos constitutivos e críticos /
Organizadora Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti. -
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-554-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.546213009>

1. História. I. Cavalcanti, Vanessa Ribeiro Simon
(Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

As objeções e o indignar-se frente à violência ética são um pressuposto à crítica. O suplantar da abordagem ontológica do ser - o atentar para uma crítica categorial identitária presente nas contradições inerentes do sistema vigente - o caminho para análise histórica.

Vanessa Cavalcanti & Carlos Silva, 2021.

Os matizes que enredam as áreas do conhecimento como História e Política produzem, circulam e analisam contextos específicos e as tensões entre grupos dominantes e dominados, disputas e nuances políticas. Com destaque aos pensamentos e contributos do século XIX, desde Karl Marx e Max Weber, passando à sociologia e história política dos séculos XX e XXI, miradas atentas relativas às estratégias, consolidação das teorias de formas de governo, performances políticas e cidadãs, bem como desenvolvimento de agendas que compuseram e compõem períodos variados, proporcionam leituras sobre o próprio Presente.

As categorias analíticas que englobam esse “fazer-saber” estão atreladas às abordagens disciplinares e transdisciplinares, nomeadamente com maior atenção aos jogos de poder, participação, governança e políticas públicas, ademais de indicar vieses crítico-reflexivos. Esse processo traz à tona devires e metodologias ampliadas, baseadas em documentos oficiais, fontes primárias de várias tipologias, incluindo literatura, jornais, músicas, experiências educativas, relações internacionais.

Em meio às mobilizações no tempo contemporâneo e presente, podem-se verificar aproximações entre as duas ciências. Incentivadas pela produção historiográfica delimitam mais que meras descrições, análises mais apuradas, além de registrarem ações e vivências práticas.

A obra História e Política: Pensamentos constitutivos e críticos tem como objetivo justamente ampliar diálogos – pautados em criticidade e diversidade - reunindo frutos de investigações avançadas por parte de autoras/es brasileiras/os cujas temáticas coadunam com o título da coletânea. São composições autorais diferentes e que trazem distintas perspectivas sobre um recorte temporal que vai do século XIX ao XXI.

Em sua maior parte, os capítulos versam sobre investigações teóricas e historiográficas, apontando para eixos temáticos emergentes, além de novas abordagens e sujeitos como referenciais. Perfazem, sobremaneira, produções sobre conceitos, práticas e agendas políticas que compõem uma geografia global e a história mais recente, escrita entre regimes ditatoriais e democráticos.

Neste contexto, olhares atentos para a caracterização de domínios, esferas e planos na apreciação da análise, interconectando História e Política, são pretendidos como elemento basilar das produções aqui organizadas.

Um convite à leitura e às contribuições resultantes de pesquisas e etapas de formação acadêmica.

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

SUMÁRIO


CAPÍTULO 1..... 1

O SIMBÓLICO NA MORTE DE EDSON LUÍS E MARIELLE FRANCO

Talita Souza Magnolo

Rosali Maria Nunes Henriques

Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130091>

CAPÍTULO 2..... 16

“COMPORTAMENTO GERAL” DE GONZAGUINHA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA DA DITATURA E CONTRAPONTO COM O GOVERNO BOLSONARO

Nayara Figueira


Andrise Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130092>

CAPÍTULO 3..... 27

AFINAL, ONDE ESTAVA O POVO? A AUSÊNCIA DAS CAMADAS POPULARES DO PROCESSO POLITICO NA “REPÚBLICA” DAS OLIGARQUIAS

Robson Roberto da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130093>


CAPÍTULO 4..... 44

ENSINO COM PESQUISA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS À FORMAÇÃO DE JOVENS PESQUISADORES DA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL

Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio

Reginâmio Bonifácio de Lima

Lucas Gomes do Vale

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130094>

CAPÍTULO 5..... 59

A ATUAÇÃO DA COMISSÃO SANITÁRIA DE CAMPINAS-SP: AÇÕES DE POLÍCIA SANITÁRIA NO PERÍODO REPUBLICANO

Cássia Mariane Pavanati

Everardo Duarte Nunes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130095>

CAPÍTULO 6..... 76

A ROTEIRIZAÇÃO MITOPOÉTICA DE SEXUALIDADES

Simone Ganem Assmar Santos

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130096>

CAPÍTULO 7..... 91

O FORTALECIMENTO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA COM OS ESTADOS

UNIDOS DURANTE A ÚLTIMA DÉCADA

Wallace Moacir Paiva Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130097>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 100

ÍNDICE REMISSIVO..... 101

CAPÍTULO 1

O SIMBÓLICO NA MORTE DE EDSON LUÍS E MARIELLE FRANCO

Data de aceite: 27/09/2021

Data de submissão: 30/06/2021

Talita Souza Magnolo

Universidade Federal de Juiz de Fora,
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Juiz de Fora, Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/2505919701713031>

Rosali Maria Nunes Henriques

Universidade Nova de Lisboa, Instituto de
História Contemporânea
Lisboa, Portugal
<http://lattes.cnpq.br/4074261402535870>

Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho

Universidade Federal de Juiz de Fora,
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Juiz de Fora, Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/1193063367784743>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a morte da vereadora e ativista dos direitos humanos Marielle Franco, no dia 14 de março de 2018, comparando-a com a morte do estudante Edson Luís, em 28 de março de 1968. Para analisarmos os aspectos simbólicos nas duas mortes partiremos dos conceitos de Pierre Bourdieu sobre o poder simbólico e os pressupostos da semiótica de Charles Peirce. Tendo como base as matérias publicadas nos jornais de 1968 e nos sites de notícias de 2018, iremos traçar um paralelo entre os aspectos simbólicos das duas mortes que marcaram dois

períodos distintos da história do Brasil: a ditadura militar e o fim da Nova República.

PALAVRAS-CHAVE: Simbólico, Bourdieu, Peirce, Edson Luís, Marielle Franco, assassinato.

THE SYMBOLIC IN THE DEATH OF EDSON LUÍS AND MARIELLE FRANCO

ABSTRACT: This article aims to analyze the death and promotion of human rights Marielle Franco, on March 14, 2018, comparing it with the death of student Edson Luís, March 28, 1968. In the death is the use of concepts of Pierre Bourdieu. The databases published in the 1968 newspapers and today's news sites are the next to have the goals of two deaths that marked the two pretended moments of Brazilian history: the military dictatorship and the end of the New Republic.

KEYWORDS: Symbolic, Bourdieu, Peirce, Edson Luís, Marielle Franco, assassination.

INTRODUÇÃO



Figura 1 - Imagem dos velórios, respectivamente, de Édson Luís, em 1968 e Marielle Franco, em 2018.

Fonte: <https://bit.ly/3qrbXiz>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Duas fotografias separadas por cinquenta anos: a primeira foto, do velório do estudante Edson Luís, a segunda foto, do velório de Marielle Franco, ambos na Cinelândia, no Rio de Janeiro. Essa montagem que circulou em 2018 nas redes sociais chamou a atenção pelo simbolismo das imagens. Por que muitas pessoas compararam essas duas mortes? O que elas têm em comum? O que as diferencia? Qual simbolismo encerra essas duas imagens?

Edson Luís era um estudante secundarista quando foi assassinado no restaurante estudantil Calabouço, no final da tarde de 28 de março de 1968 quando o local foi invadido por policiais. Edson era paraense, morava no Rio de Janeiro, tinha 17 anos e era um dos 300 estudantes que jantavam no local e participavam de uma manifestação contra o aumento do preço do restaurante. Durante a invasão outro estudante foi alvejado, Benedito Frazão Duarte, que chegou com vida ao hospital, mas morreu logo em seguida. Temendo que sumissem com o corpo de Edson Luís, os estudantes o carregaram em passeata pelo centro do Rio até as escadarias da Assembleia Legislativa, na Cinelândia, onde foi velado. A autópsia foi feita no próprio local, sob o cerco da Polícia Militar e de agentes do DOPS

(Departamento de Ordem Política e Social). Foram mobilizados protestos em todo o país. Em São Paulo, 4 mil estudantes fizeram uma manifestação na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Também foram realizadas manifestações no Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, na Escola Politécnica da USP, e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). No Rio de Janeiro, a cidade parou no dia do enterro. Para expressar seu protesto, os cinemas da Cinelândia amanheceram anunciando três filmes: *A noite dos Generais*, *À queima roupa* e *Coração de luto*. Com faixas, cartazes e palavras de ordem, a população protestava: *Bala mata fome?*, *Os velhos no poder, os jovens no caixão*, *Mataram um estudante. E se fosse seu filho?* e *PM = Pode Matar*. Edson Luís foi enterrado ao som do hino nacional brasileiro, cantado pela multidão¹. Após a missa de sétimo dia, a polícia entrou em confronto com as pessoas que tinham ido assistir à cerimônia religiosa na igreja da Candelária.

A morte de Edson Luís, embora não tenha sido nem a primeira e nem a última perpetuada pelo governo de exceção daquele período, teve uma grande repercussão não somente no Rio de Janeiro, mas em todo o país, principalmente no movimento estudantil. A mobilização em torno da morte do estudante foi o ponto de partida para a primeira grande manifestação pública daquele ano, que culminaria três meses depois na Marcha dos 100 mil, tornando-se um dos principais protestos no período ditatorial. O aumento das manifestações públicas levou a um endurecimento do regime, por parte do governo Costa e Silva e culminou com a edição do Ato Institucional 5 (AI-5), promulgado em 13 de dezembro de 1968.

Marielle Franco era carioca, do Complexo da Maré, socióloga e com mestrado em Administração Pública, no qual defendeu dissertação sobre o trabalho das UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora). Mãe aos 19 anos, Marielle começou sua militância nos movimentos sociais no ano de 2000. Em 2006 integrou a equipe de campanha do deputado estadual Marcelo Freixo, do PSOL, sendo contratada como assessora parlamentar nesse período. Assumiu a coordenação da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Em 2016, na sua primeira disputa eleitoral, foi eleita vereadora na capital fluminense pela coligação *Mudar é possível*, formada pelo PSOL e pelo PCB. Com um número de 46 mil votos, teve a quinta maior votação para a Câmara de vereadores da cidade o Rio de Janeiro e foi a segunda mulher vereadora mais votada no país.

Crítica à violência da Polícia Militar aos moradores das comunidades mais pobres do Rio de Janeiro, Marielle havia sido designada para a comissão que irá fiscalizar a intervenção militar ordenada pelo Governo Federal na cidade do Rio de Janeiro. Marielle Franco foi assassinada juntamente com o seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, no dia 14 de março de 2018, quando voltava de um evento na Lapa. O carro onde se encontravam foi seguido e depois interceptado pelos seus executores no centro do Rio

¹ Memórias da Ditadura. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/>>. Acesso em 23 abr. 2018.

de Janeiro. Marielle foi executada com três tiros na cabeça e um no pescoço. Dias antes de seu assassinato, Marielle havia denunciado nas redes sociais a truculência policial na comunidade de Acari. Com as investigações ainda em curso, sabe-se que não foi mais uma morte a ser contabilizada na violência cotidiana do Rio de Janeiro, mas trata-se obviamente de uma execução efetuada com algum objetivo específico, ou seja, uma morte política. Não houve disfarces, quem mandou executar quis mandar um recado a outras lideranças. Uma pergunta ainda está sem resposta: a quem interessa a morte de Marielle? Sua morte causou comoção, suscitando manifestações em todo o país e no exterior no dia seguinte à execução e também no dia 19 de março. No Brasil, uma liderança comunitária é assassinada a cada cinco dias. E essa estatística tem aumentado consideravelmente desde 2013, quando o país ingressou numa crise política sem precedentes na sua história.

O PODER SIMBÓLICO

De acordo com Pierre Bourdieu (1989), o poder simbólico é um poder invisível o qual só pode ser exercido com o consentimento daqueles que não querem saber que estão sujeitos a essa dominação e nem quem a exerce. É um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica, ou seja, uma ordem do conhecimento – sentido imediato do mundo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, espaço, número e causa que torna possível a concordância entre as inteligências. Formulado em um conceito específico, o conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1989) adquire um alcance universal, tornando-se um instrumental conceptual, ao permitir examinar a coerência das características mais diversas dos indivíduos. Além disso, expressa as percepções que o indivíduo tem do mundo. *Habitus* pode ter duas disposições: disposições estruturadas, que é referente ao social e disposições estruturantes, que está relacionado com a mente. O campo simbólico, segundo Bourdieu (1989) é o campo no qual lutas dos agentes determinam, validam, legitimam representações. Por isso, um fato histórico não pode ser analisado sem levar em conta dois fatores: o contexto de sua produção e as narrativas produzidas sobre ele.

Foucault (1975) estuda as práticas de poder, controle, vigilância e conceitua as práticas de poder e controle desde a era clássica até a modernidade. Na época clássica, houve a descoberta do corpo como objeto e alvo de poder – era facilmente manipulado, treinado e se tornava hábil. Esses métodos que permitiam o controle das operações do corpo e que realizavam a sujeição constante de suas forças - as *disciplinas* - se tornaram fórmulas gerais de dominação. A vigilância hierárquica, por exemplo, é um exercício da disciplina que supõe que um dispositivo obriga pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver, induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. No decorrer da época clássica, foram construídos *observatórios* – um deles é o Panóptico de Bentham, uma

figura arquitetural “cujo princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção.” (FOUCAULT, 1975, p.165).

Crítico das leis lineares e totalizantes da *ciência*, Max Weber, citado por Lúcio Barros (2000), acredita que o poder é invisível e sem resistência. Aqueles que o obedecem acreditam que aquele poder pelos quais estão submissos realmente é legítimo, e como tal, o dominante tem direito de exercer seu poder. Weber enumera três tipos de dominação: tradicional, carismática e legal. A dominação tradicional é a forma mais antiga de dominação. Basicamente é aceita em nome da tradição e dos níveis de hierarquias. A dominação carismática é influenciada diretamente pelos fatores emocionais e afetivos, e a obediência é estabelecida pela crença nas qualidades do líder, ao caráter sagrado ou ao poder da palavra que distingue de modo especial. A dominação legal tem como ideia base a existência de um estatuto que pode criar e modificar normas, desde que seu processo (forma) esteja previamente estabelecido.

Thompson (1985) recorre a Michel Mann, para diferenciar os quatro tipos principais de poder: econômico, político, coercitivo e simbólico. Segundo o autor, o poder econômico provém da atividade humana produtiva; atividade relacionada com a provisão dos meios de subsistência através da extração da matéria-prima e sua transformação em mercadoria. O poder político está relacionado com a atividade de coordenação de indivíduos e da regulamentação dos padrões de sua interação. Já o poder coercitivo implica o uso ou de ameaça ou força física para subjugar ou conquistar um oponente. Um exemplo é o poder militar. E, por último, o poder simbólico que também pode ser chamado de poder cultural. Nasce na atividade de produção, transmissão e recepção dos significados das formas simbólicas. Os indivíduos se ocupam com as atividades de expressão de si mesmos e são envolvidos na comunicação um com os outros e na troca de informação e conteúdo simbólico.

O SÍMBOLO NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA DE PEIRCE

Para compreender o contexto do simbólico na Semiótica de Peirce, é necessário, primeiramente, conhecer a sua Fenomenologia, a ciência que estuda a experiência sem preconceitos e objetivos, tentando representar amplamente a realidade (PEIRCE, 1931-1958, §1.280; §5.121). Peirce propôs três categorias fenomenológicas, Primeiridade, Secundidade e Terceiridade; as quais são os elementos mais gerais, abstratos e universais de sua teoria, a partir das quais pode se desenvolver todo o seu pensamento.

A Primeiridade é o universo das possibilidades, um contínuo de qualidades, e é a única das categorias que pode se sustentar sozinha. Já a Secundidade se refere ao existencial, a ação e reação, o conflito típico daquilo que existe, englobando também as

possibilidades da Primeiridade. Por fim, a Terceiridade está relacionada a abstrações, padrões e hábitos, abarcando as possibilidades da Primeiridade e a existencialidade da Secundidade (PEIRCE, 1931-1958, § 1.25, §1.35, §5.66, §1.536-537).

Para Peirce (1931-1958, §1.339), o signo também é triádico, com três correlatos: signo, objeto e interpretante. O primeiro, o fundamento do signo, se refere a um objeto, este que é o segundo correlato. Isso significa que o signo representa o objeto, mas porque o objeto é que determina esse signo, afeta-o de alguma forma. Contudo, a representação só se completa, porque causa um efeito em uma mente, efeito esse denominado interpretante. Santaella (2005, p. 39-40) explica de forma bem compreensível a relação entre os três correlatos:

(1) o signo é uma estrutura complexa de três elementos íntima e inseparavelmente interconectados: (1.1) fundamento, (1.2) objeto e (1.3) interpretante. (1.1) O fundamento é uma propriedade ou caráter ou aspecto do signo que o habilita a funcionar como tal. (1.2) O objeto é algo diferente do signo, algo que está fora do signo, um ausente que se torna mediatamente presente a um possível intérprete graças à mediação do signo. (1.3) O interpretante é um signo adicional, resultado do efeito que o signo produz em uma mente interpretativa, não necessariamente humana, uma máquina, por exemplo, ou uma célula interpretam sinais. O interpretante não é qualquer signo, mas um signo que interpreta o fundamento. Através dessa interpretação o fundamento revela algo sobre o objeto ausente, objeto que está fora e existe independente do signo.

Neste trecho, já fica claro que, para Peirce, existem dois objetos: dinâmico e imediato. O dinâmico é aquele que Santaella (2005) diz existir independente do signo, seria o real que se força sobre nós, enquanto o imediato é o objeto veiculado para nós pelo signo, aquilo da realidade que o signo nos mostra. Da mesma forma, existem diferentes interpretantes, de acordo com as categorias fenomenológicas, quais sejam, Imediato, Dinâmico e o Final ou Normal. O Imediato são todas as possibilidades interpretativas que um signo pode gerar, enquanto o Dinâmico são as interpretações que de fato existiram, ocorreram. Por último, o Normal são todas as interpretações que virão a surgir a partir do desenvolvimento do signo, como uma verdade que sempre se procura alcançar (PEIRCE, 1931-1958, §4.536).

Importante ressaltar que o Interpretante não se confunde com o intérprete, mente em que o Interpretante se desenvolve. Conforme veremos, o Interpretante sempre gera um novo signo (PEIRCE, 1931-1958, §1.339), iniciando um novo ciclo de determinação e representação, ou Semiose (PEIRCE, 1931-1958, §5.484), ação do signo, como Peirce define, que é infinita. Por isso, a Terceiridade permite que a potencialidade da Primeiridade ultrapasse os limites da existência, na Secundidade, fazendo com que essa existência se reproduza com novas potencialidades.

A classificação dos signos para Peirce, sua Gramática Especulativa, é baseada nos três correlatos, sendo que o filósofo dedicou maior atenção nas relações do signo em si mesmo, do signo com o objeto e do signo com o interpretante (PEIRCE, 1931-1958,

§2.243-252), conforme tabela abaixo (Tabela 1):

	Primeiridade	Secundidade	Terceiridade
	Signo em si mesmo	Signo e objeto dinâmico	Signo e interpretante
Primeiridade	Qualissigno	Ícone	Rema
Secundidade	Sinssigno	Índice	Discente
Terceiridade	Legissigno	Símbolo	Argumento

Tabela 1 - Classificação dos signos segundo a Semiótica de Peirce.

Fonte: PEIRCE, 1931-1958, §2.243-252.

Na primeira linha da tabela estão os signos de mera possibilidade, enquanto a segunda apresenta os signos de existência concreta e a terceira, os signos ligados aos processos de abstração. Os qualissignos são as qualidades intrínsecas do signo possíveis de serem percebidas, os sinssignos, suas características existenciais, e o legissigno, seus padrões formais. Na segunda coluna da tabela, o signo aparece conjugado com o objeto e, por isso, suas qualidades, características existenciais e padrões são relacionados aos do objeto, originando, respectivamente, ícone, índice e símbolo. Por fim, na terceira coluna, o rema, como Primeiridade pura, é uma possibilidade e, portanto, uma hipótese. No mesmo espaço lógico, podemos posicionar o interpretante imediato. Como Secundidade pura, o discente é “para o seu interpretante, um sinal de existência real” (PEIRCE, 1931-1958, §2.251), ou seja, ele é capaz de gerar um interpretante dinâmico. A Terceiridade mais pura é o argumento, sendo uma conclusão. Esse tipo de signo está articulado, logicamente, ao interpretante final.

A MORTE DE EDSON LUÍS NOS JORNAIS *FOLHA DE SÃO PAULO* E *JORNAL DO BRASIL*

O objeto de nossa análise são todas as manchetes e chamadas de matéria em todos os cadernos dos jornais *Jornal do Brasil* e *Folha de São Paulo* nos dias 29 e 30 de março de 1968 – respectivamente o dia seguinte do assassinato de Edson Luís que foi no dia 28 de março e a cobertura da repercussão do incidente no Rio e também em âmbito nacional. O objetivo desta análise é entender o posicionamento dos jornais diante do acontecido; a semelhança e discrepância entre matérias; como o caso foi trabalhado pelos jornais. No dia 29 de março, entre manchetes e chamadas de matérias, o *Jornal* tocou no assunto do assassinato do estudante 12 vezes. Na capa a manchete trazia: *Poder de fogo: assassinato leva estudantes à greve nacional* – acompanhado da foto do corpo do estudante sendo velado e coberto pela bandeira nacional –, focando o movimento estudantil. Ainda na capa, uma imagem de um estudante segurando a camisa de Edson Luís ensanguentada com o título *A força da evidência*. Dentro da temática das greves e movimentos universitários,

o jornal ainda trouxe uma matéria salientando a magnitude do movimento: *Universitários saem às ruas em 3 países*.

Dentro do 1º Caderno, na página 4, o foco é na reação do governo com duas matérias: *Presidente é informado do acontecimento no Rio através do ministro Gama e Silva: estudantes do Rio entram em greve e Lacerda reagiu com cautela ao saber de morte*. Ainda no 1º Caderno, na página 5, as matérias remetem à revolta da sociedade – *Briga faz tumulto em velório; Teatro pára em sinal de solidariedade* – e a relação da polícia com o incidente é trabalhada no topo da página com uma matéria intitulada *Polícia mata estudante em choque no calabouço*, que é acompanhada de uma foto do Governador Negrão de Lima com a seguinte legenda: *Pesar oficial: O Governador Negrão de Lima declarou que ficou chocado com a morte do estudante no conflito com a Polícia Militar*. Na página 18, o jornal mostra o posicionamento do governador com relação ao que aconteceu com uma matéria falando sobre o afastamento do General da Polícia: *Negrão afasta Gen. Niemeyer e suspende as aulas de hoje*. Ainda dentro dos acontecimentos no governo o jornal chama a atenção para a interrupção de uma palestra do Secretário de Finanças, Márcio Alves – *Notícia da morte pára depoimento de Márcio* – e dentro da matéria algumas outras chamadas: *Chega Niemeyer* – que diz que o plenário tomará todas as providências necessárias à punição dos culpados – *CPI em andamento; Sobral Pinto e Discursos*. A página traz uma última matéria que fala novamente sobre a mobilização estudantil: *Estudantes protestam e pedem vingança*.

No dia 30 de março, a repercussão do assassinato de Edson Luís foi muito grande. O assunto foi tratado no Jornal do Brasil 15 vezes. A capa deste dia foi dedicada à repercussão por parte dos estudantes, trazendo junto com sua manchete – *Estudantes organizam manifestações de rua que Governo manda reprimir em todo o país* – uma grande foto do cortejo de Edson Luís, no Rio de Janeiro acompanhado da legenda: *O féretro de Edson Luís de Lima Souto dobra a Cinelândia, a pé, acompanhado, a princípio, por vinte mil pessoas*. Além disso, a capa trouxe outras fotos: uma da queima da bandeira norte-americana na ex-UNE – *Na ex-UNE, é queimada a bandeira americana feita pelos estudantes* –, a foto de uma revolta no Distrito Federal – *Palanques comemorativos da Revolução foram destruídos no DF* – e a foto do capacete quebrado do aspirante Aluísio Azevedo Rapôso que negou em depoimento que ele e os outros 25 policiais houvessem disparado um tiro sequer na noite do incidente – *Pedradas partiram o capacete de Rapôso*. No intuito de retratar o cenário estudantil no mundo, o jornal ainda traz uma pequena matéria falando sobre a repressão aos estudantes em alguns países: *Seis países reprimirão estudantes*.

Na página 2 do 1º Caderno, trouxe informações sobre o cortejo do corpo do estudante e seu enterro: *Cortejo canta Hino Nacional após queimar bandeiras norte-americanas* – essa sendo a manchete e acompanhada da foto do cortejo fúnebre na reta da Praia do Flamengo –, *Apenas 18 agentes do DOPS viram o enterro* e *Povo chegou no início da tarde ao cemitério*. Na página 3, acompanhada de uma foto do Governador Negrão e de

Gama e Silva com a legenda *Logo que chegou no Rio, Gama e Silva recebeu Negrão para uma troca de ideias sobre a crise estudantil no Rio*, a matéria fala sobre o posicionamento e preocupação do governo com os movimentos estudantis: *Governo diz que não tolera a agitação nem a violência; Camara repudia violências em sessão que houve briga e A longa noite de protestos*. A página 4 retoma os assuntos da capa e página 2: *A morte não quebra rotina no Congresso e Aspirante (Rapôso) nega tiros e culpa General*.

Os assuntos tratados na página 5 têm um foco voltado para a empatia com os estudantes e com o que aconteceu, trazendo matérias que comprovam a culpa da polícia no caso – *Peritos provam que polícia não atirou só para o alto* – e também de solidariedade e proteção da sociedade – *Cadáver recebeu rosários e rosas de moças; Polícia volta às ruas só de cassetete e Laudo da autópsia*. Ainda no 1º Caderno, a página 16 traz no topo duas fotos de Brasília: *Os estudantes agiram de madrugada e o campus da UnB amanheceu pichado por dentro e por fora* e *O discurso do deputado Hélio Navarro foi o mais aplaudido pelos estudantes em Brasília*. Sobre Brasília ainda, uma matéria falando da violência da polícia: *Polícia de Brasília bate em Parlamentares diante do povo* e duas notícias sobre a madrugada movimentada: *Violência prossegue durante a noite toda e Vinte foram socorridos até meia-noite*.

A edição da manhã da *Folha de S. Paulo* do dia 29 de março não trouxe nenhuma manchete ou matéria sobre o caso de Edson Luís. As matérias vieram mesmo na edição da tarde do jornal que abordou esse assunto 18 vezes ao longo da edição. A capa vem com uma grande manchete *Polícia de Negrão – chacina estudantes*, acompanhada de chamadas voltadas para a violência e culpa dos agressores: *Costa exige rigor para os culpados, DOPS atira bomba, Velório na Assembleia, Tiro a queima-roupa*. Além dos títulos chamativos, a capa ainda traz 3 fotos, uma delas com o corpo de Edson Luís sendo velado: *O estudante Nelson Luís Souto, de 16 anos, morto no choque com a polícia carioca*; outra foto da agitação estudantil: *Soldados da PM invadiram o restaurante do Calabouço e passaram a distribuir pancadas, ferindo estudantes e rasgando suas roupas*; e a última foto fala da agressão aos próprios fotógrafos que cobriam o incidente: *Fotógrafos não escaparam das violências*. É interessante ressaltar que nesta primeira página o nome de Edson Luís é colocado de duas formas erradas, sendo chamado na legenda da foto de Nelson e no subtítulo da chamada *Tiro a queima-roupa* de Nilton Luís.

Na página 3 do 1º Caderno, mais notícias sobre a violência da polícia, o envolvimento e providências que estão sendo tomadas: *Polícia da Guanabara mata estudantes; Estudante conta que capitão mandou choque abrir fogo; Negrão promete providências energéticas em nota oficial* e complementa *Para General, polícia estava ‘em inferioridade de fogo’; DOPS solta bomba na porta de Assembleia e fere populares; Governador pede informações*. Mais uma vez, o nome do estudante é divulgado de maneira errada: *Autópsia de Nilton Luís foi feita na própria Assembleia*. Além disso, a página ainda traz algumas notícias sobre a solidariedade da sociedade e estudantes com o incidente: *Teatros da Guanabara param:*

solidariedade aos estudantes; XI de Agosto lança manifesto; Em Brasília: greve geral. No centro, estão duas fotos, uma mostra um estudante sendo socorrido – Estudante ferido é socorrido pelos seus companheiros – e a outra mostra o corpo de Edson Luís sendo carregado, mais uma vez, o nome do estudante foi divulgado errado – Depois de baleado, Nelson Luís foi carregado pelos seus companheiros.

A página 6 traz algumas matérias menores, sempre fazendo alusão ao movimento estudantil e o posicionamento do governo: *Lacerda pede calma e adverte que violências vão repetir-se; Costa exige punição rigorosa dos culpados pelo massacre; Estudantes decretam greve, luto e preparam passeata; Greve de estudantes pode ser geral em todo o país; Vítimas internadas também no hospital Sousa Aguiar.* Finalizando a edição deste dia, na página 14, uma última notícia sobre o corpo do estudante que permaneceu o tempo todo na Assembleia: *Na Assembleia o corpo de estudante morto em choque com a Polícia.*

Acompanhada de duas fotos grandes, a manchete do jornal no dia 30 de março já diz muito: *Violento conflito entre polícia e estudantes em Brasília; Edson Luís sepultado.* Essa é a primeira vez desde a primeira notícia sobre o incidente que o nome de Edson está correto e as imagens juntamente com a manchete principal mostram a repercussão no Rio e em todo Brasil. A primeira – e maior – foto mostra uma multidão em frente à Assembleia com a legenda *Do velório no prédio da Assembleia Legislativa, na Cinelândia, ao cemitério de João Batista, em Botafogo, uma grande multidão só comparável a que acompanhou os despojos de Getúlio Vargas, seguiu o féretro do estudante assassinado pela polícia. Não houve incidentes;* a segunda foto é do manifesto de estudantes que aconteceu em São Paulo – *O protesto dos estudantes de São Paulo contra as violências cometidas pela polícia da Guanabara começou ontem à noite nas escadarias do Municipal, cerca de 500 pessoas reunidas, mais de uma hora de discursos violentos e dezenas de cartazes de protesto.*

A página 6 traz as preocupações do governo do Rio e os pronunciamentos dos governos de Minas e São Paulo com relação ao caso Edson Luís e a violência da polícia: *Costa e políticos veem crise que preocupa todo Brasil; Para Eurico Rezende Governo não pode se culpado pelo o que aconteceu; Sessão da Câmara, com incidentes, é toda dedicada ao caso estudantil; Minas Gerais lamenta desfecho da ação policial com estudantes; Deputados paulistas condenam violência e reclamam punição; Um movimento delicado para o Governo; Sindicatos pedem liberdade para manifestações e menos violência.* Sobre a polícia da Guanabara: *Substituído o superintendente da Polícia Executiva da Guanabara.* Na página 7 duas notícias sobre as manifestações em Brasília e o retrato da violência: *Brasília: soldado espancado e estudante baleado; Ministro da Justiça: Governo não tolerará agitação.* Na Folha da Noite, o foco foi no movimento estudantil, enquanto um movimento de grande repercussão nacional e internacional, e que isso vem crescendo de muitos anos até chegar aonde se chegou, com o assassinato de Edson Luís: *Uma grande multidão no sepultamento; No Brasil, são 100 anos de história; No mundo, eles protestam contra tudo.*

Uma coisa que vale a pena ser ressaltada nesta edição é um pequeno texto que se encontra na capa da Folha, intitulado *Nossa Opinião*, em que o jornal, como veículo de comunicação, pronuncia-se e se posiciona a respeito do que aconteceu: *O que aconteceu agora no Rio há muito poderia ser previsto: os repetidos choques entre estudantes de um lado, e a Polícia de outro, mais dia, menos dia, iriam resultar em algo ainda mais lamentável do que prisões e espancamentos. Diante do brutal acontecimento, devem cessar as explorações de natureza emocional ou política, para que a fria lição dos fatos permita deles retirar as amargas que comportam.*

A MORTE DE MARIELLE FRANCO NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

Para entendermos o efeito do assassinato de Marielle Franco no campo do simbólico, analisamos as capas dos principais jornais brasileiros do dia seguinte à morte da vereadora e alguns de seus artigos internos, disponíveis na internet. O jornal *Folha de São Paulo* estampa na sua primeira página do dia 16 de março a seguinte manchete: *Assassinato de vereadora no Rio pressiona interventores* e como subtítulo: *Marielle Franco (PSOL) teve o carro atingido por 9 tiros, milhares protestam no país contra o crime*. A capa do jornal é ilustrada com uma foto do cortejo do corpo até a Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

O jornal *Folha de São Paulo* dedicou várias seções para falar sobre a morte de Marielle. No editorial aparece como título a seguinte pergunta: *Quem matou Marielle? Assassinato chocante da vereadora carioca atinge instituições e bandeiras*². O editorial afirma que se trata de um assassinato premeditado e que urge descobrir quem matou ou mandou matar a vereadora para não criar teorias conspiratórias, principalmente por causa da intervenção federal no Rio de Janeiro. Em contradição a essa linha, a coluna do jornalista Vinícius Torres Freire³ aponta o Estado como o principal autor do crime. Com o título e subtítulo: *Marielle, morta pelo Estado do crime: Homicídio político a mando do crime institucionalizado é nova fase do horror: Colômbia e México*, o colunista compara o tipo de crime institucionalizado que tem ocorrido não só no Brasil, mas também na Colômbia e no México, apontando as inúmeras encomendas de assassinatos de militantes de direitos humanos, ambientalistas e líderes de trabalhadores rurais no Brasil como um crescendo nessa escala de violência institucionalizada.

Na seção Painel, da *Folha de São Paulo*, a articulista Daniela Lima comenta no artigo *Assassinato de Marielle faz Rodrigo Maia retomar críticas à intervenção no Rio*⁴ que o presidente da Câmara dos Deputados aproveita-se do assassinato da vereadora para fazer críticas à intervenção federal no Rio de Janeiro. Também no mesmo dia, Bruno Boghossian em sua coluna *Morte de Marielle é crime político que supera divisão ideológica: Assassinato elimina à força um canal de representação de parte da sociedade*⁵ aponta o

2 Disponível em: <<https://bit.ly/30loPvV>>. Acesso em 23 abr. 2018

3 Disponível em: <<https://bit.ly/3qqvPSW>>. Acesso em 23 abr. 2018

4 Disponível em: <<https://bit.ly/3t0kg6K>>. Acesso em 23 abr. 2018.

5 Disponível em: <<https://bit.ly/3kVqh1m>>. Acesso em 23 abr. 2018.

assassinato de Marielle como um crime político, apresentando a sua trajetória política e sua militância como um fator causador de sua morte. Em um artigo sem assinatura, a *Folha de São Paulo* apresenta o artigo *Assassinato de vereadora no Rio pressiona interventores federais: Ataque que também matou motorista é encarado como afronta no Exército*⁶ no qual argumenta que a morte de Marielle seria uma afronta direta à intervenção realizada pelo Exército na cidade do Rio de Janeiro. Discorre sobre a pressão que o Governo Federal estaria exercendo sobre as investigações para a apuração rápida dos assassinatos.

Muitos artigos da *Folha de São Paulo* abordam aspectos da vida da vereadora ou do motorista assassinados no dia anterior, sobre o momento da morte ou sobre a investigação, tais como: *Marielle criticava polícia a políticos em redes sociais; relembre*⁷ *Da Maré, vereadora fazia parte do 'bonde de intelectuais da favela'*⁸, *Motorista de Marielle fazia bico e iniciaria curso para mecânico de avião*⁹, *Assessora de Marielle se jogou do carro e está em choque dentro de casa*¹⁰ e *Polícia rastreia dezenas de câmeras para desvendar assassinato de vereadora*¹¹.

No entanto, o que mais nos chama a atenção são as matérias sobre a repercussão das mortes na imprensa internacional e as manifestações que aconteceram no mesmo dia da morte por todo o Brasil. Na matéria *ONU pede investigação 'minuciosa e transparente' de morte de Marielle: Preocupação é que o crime não represente uma escalada na impunidade no Rio*¹² a jornalista Estelita Hass Carazzai afirma que o escritório para os Direitos Humanos da ONU exigiu que o governo brasileiro fizesse uma apuração rigorosa do assassinato e a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, ligada à OEA (Organização dos Estados Americanos) defendeu uma investigação rápida para o caso. A jornalista destaca também a fala da diretora executiva da Anistia Internacional no Brasil, Jurema Werneck, na qual aponta a necessidade das autoridades brasileiras não deixarem impunes os crimes cometidos contra os defensores dos direitos humanos no Brasil. O artigo *Milhares protestam no Rio e em SP contra assassinato de Marielle: Manifestantes se reuniram em frente à Alerj, no Rio, e na avenida Paulista, em SP*¹³ descreve as manifestações ocorridas no Rio de Janeiro e em São Paulo, no dia seguinte ao assassinato de Marielle e de seu motorista. Destacando também que houve pequenas manifestações em Belo Horizonte, Salvador e Brasília, o artigo aponta a simbologia dos eventos, na fala da vereadora e amiga de Marielle, Sâmia Bomfim: *Além de todos os simbolismos da execução da Marielle, entendo a manifestação como um recado para todo mundo que denuncia e coloca o dedo na ferida e que ouve que não deveria fazer isso porque os outros são poderosos demais*¹⁴

6 Disponível em: <<https://bit.ly/3kR3xQm>>. Acesso em 23 abr. 2018.

7 Disponível em: <<https://bit.ly/3bnl4uZ>>. Acesso em 23 abr. 2018

8 Disponível em: <<https://bit.ly/38lodeh>>. Acesso em 23 abr. 2018

9 Disponível em: <<https://bit.ly/3kUfy7p>>. Acesso em 23 abr. 2018

10 Disponível em: <<https://bit.ly/3bp3GHJ>>. Acesso em 23 abr. 2018

11 Disponível em: <<https://bit.ly/2PI51kp>>. Acesso em 23 abr. 2018.

12 Disponível em: <<https://bit.ly/3vdA73l>>. Acesso em 23 abr. 2018.

13 Disponível em: <<https://bit.ly/3qrVrid>>. Acesso em 23 abr. 2018

14 *Idem*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semiótica de Peirce pode nos dar algumas pistas sobre a realidade da morte de Marielle e de Edson Luís, ou seja, esse objeto dinâmico que se impõe sobre nós. Muitas foram as representações dessa morte, o objeto imediato a que tivemos acesso: fotos, vídeos, textos, depoimentos, entre outros. Esses signos veiculados nos mostraram algumas das qualidades intrínsecas dessa morte: carros em movimento, estampidos, um líquido viscoso vermelho e perfurações. Esses Qualissignos logo foram constatados, tornando-se existentes, portanto, Sinssignos, para todos aqueles que o perceberam: pessoas próximas ao ocorrido, investigadores, repórteres e audiência.

O Legissigno guia ocorrências particulares, “(...) ele não é um único objeto, mas um tipo geral que, por meio de um acordo, será significativo”, segundo Peirce (1931-1958, §2.246) e, por isso, dissemos que são os padrões formais do signo. Assim, podemos dizer que Marielle foi morta por objetos perfurantes, a maioria atingindo a vereadora e uma minoria acertando o motorista do veículo. Dessa forma, também Edson Luís foi alvejado por um policial durante a invasão do Calabouço com um tiro certeiro, que atingiu o seu peito.

Quando chegamos ao campo do signo em relação ao seu objeto, é o momento de compararmos qualidades, características existenciais e padrões formais do signo com as do objeto. E isso só é possível a partir do nosso repertório, daquilo que já vivenciamos, nossa familiaridade com o objeto, o que Peirce denomina experiência colateral (PEIRCE, 1931-1958, §8.183). O ícone, como mera possibilidade, nos leva a refletir a partir do nosso conhecimento de mundo: um signo de morte, com as qualidades descritas acima, poderia nos apontar para um objeto morte por faca, ou por agressão com outro objeto perfurante ou ainda por tiros de uma arma de fogo. Mas é o índice que pressupõe uma conexão física, existencial, entre signo e objeto, chama a atenção da mente interpretadora para o objeto, indicando e apontando como esse objeto, a morte, se deu: o líquido viscoso vermelho nos indica sangue e a conjuntura de carros em movimentos, estampidos, que a morte foi possível apenas a partir de tiros.

Somente no símbolo começamos a relacionar os padrões que o signo nos apresentou com os padrões do objeto. O símbolo só é possível a partir de convenções estabelecidas, ele se relaciona com seu objeto por um caráter imputado, arbitrário e não motivado. Marielle foi atingida pela maioria dos muitos tiros disparados e nada foi roubado após o crime. Sabemos que, convencionalmente, a partir de nossas experiências colaterais, esse padrão significa que Marielle não foi morta por acaso, mas esse é o padrão de uma morte com tal propósito, por execução. Dependendo do nosso repertório, sabemos que Marielle era vereadora na cidade do Rio de Janeiro, eleita para integrar a comissão de acompanhamento da intervenção militar na cidade e, poucos dias antes, havia denunciado os abusos da PM em uma favela. Diante disso, a morte de Marielle pode se tornar símbolo de uma morte política.

A partir do caminho percorrido até o simbólico, há margem para várias interpretações potenciais, o interpretante imediato. Algumas delas de fato ocorreram, seus interpretantes dinâmicos, que foram de três níveis, conforme a proposta de Peirce (1931-1958, §8.343), de acordo com as categorias da Fenomenologia. Foram emocionais, pois causaram tristeza, indignação, e sentimentos de impotência, por exemplo. Os interpretantes energéticos são aqueles que levaram a reações, como lágrimas, manifestações nas ruas e demais atos que cobraram e ainda cobram que essa morte simbolicamente política não passe impune. No interpretante lógico, estão os raciocínios que essa morte despertou como, *quem matou Marielle? Seria a milícia, o exército, cujo general atua como interventor no Estado do Rio de Janeiro?; qual foi a motivação do crime? Quem Marielle estava incomodando? A PM? O exército? A milícia?*

Todos esses interpretantes dão origem a novos fundamentos do signo que reiniciam o processo infinito de semiose. Por exemplo: as manifestações de ruas e as investigações sobre o crime são novas formas de elaboração dessa morte e, por isso, novos processos de Semiose. Por fim, o interpretante final são as conclusões que procuramos sobre a morte de Marielle, a justiça que esperamos, ainda em devir e que, mesmo depois de concluída, pode ser modificada a partir de novas provas encontradas, por exemplo.

Ao contrário de Marielle que era uma liderança nos movimentos sociais e tinha uma trajetória de luta, Edson não era uma liderança, não estava envolvido diretamente com o movimento estudantil, era apenas um garoto que estava no lugar errado, na hora errada. Por isso, ao comparar as duas mortes estamos diante de elementos simbólicos, repletos de significados. No caso dos dois, não é a morte como um fato em si, mas o que ela representa no campo simbólico, a simbologia que lhe é atribuída a *posteriori*.

Como fato histórico, a morte de Edson Luís tem duas perspectivas: a do momento presente, ou seja, quando ele aconteceu, em março de 1968 e que serviu de estopim para a revolta dos estudantes, alavancando posteriormente o desejo de uma parcela da classe média, composta principalmente por intelectuais e artistas de pôr fim aos desmandos da ditadura militar. A segunda perspectiva histórica: a *posteriori* a morte de Edson Luís tornou-se um marco nesse processo histórico, uma vez que a comoção por sua morte acabou por resultar em endurecimento do regime. O caráter simbólico da morte de Edson Luís, foi imediata à produção dos fatos tem um aspecto mais forte do que a morte de Benedito Frazão Duarte que morreu no hospital. A morte de um estudante no momento da invasão tornou-se símbolo na luta contra a ditadura.

Embora seja símbolo de um processo, a morte de Marielle ainda é um fato recente. Suas consequências e seus desdobramentos ainda não são passíveis de previsão. No entanto, sabemos que a morte da Marielle deve ser tratada como de fato é: um dos marcos do processo que estamos vivendo nesse momento: o fim do período histórico chamado Nova República. O que virá depois disso só o tempo dirá. Oxalá, que diferentemente da morte de Edson Luís, a morte de Marielle não aponte que tempos mais duros poderão

surgir à nossa frente. E que a morte dela seja símbolo de esperança por aqueles que acreditam na luta contra as desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. A. de. **Concepções sobre a obra de Max Weber**. Belo Horizonte, 2000, mimeo.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1989.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers**. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958.

SANTAELLA, L. **Matrizes da Linguagem e do Pensamento**. Sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2005. Edição do Kindle.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amazônia Sul-Occidental 44, 45, 46, 49, 57

Assassinatos 11, 12

B

Brasil 1, 4, 7, 8, 10, 11, 12, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 47, 49, 50, 54, 55, 57, 58, 61, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100

C

Censura 16, 20, 21

Chile 78

Constituição 20, 31, 32, 38, 42, 43, 60, 61, 64, 65, 76

Corpos 76, 77, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 87, 89

Cultura 39, 47, 48, 58, 84, 85, 88, 94

D

Diplomacia 91

Direitos 1, 3, 11, 12, 20, 23, 24, 28, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 76, 78, 92, 94, 100

Ditadura 1, 3, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 34, 35, 78

Dominação 4, 5, 18, 19, 29, 42

E

Edson Luís 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 13, 14

Educação básica 44, 45, 46, 47, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Ensino superior 38, 46, 55, 56

Estados Unidos 38, 43, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

F

Febre Amarela 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 73, 74, 75

G

Gonzaguinha 16, 17, 20, 21, 22, 23, 25

Governo Bolsonaro 16, 17, 21, 23, 95, 96

H

História contemporânea 1

I

Iniciação científica 45, 46, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58

Isabel Allende 76, 77, 78

J

John H. Gagnon 76, 79

Jovens pesquisadores 44, 45, 46, 56

K

Karl Marx 16, 17, 18, 26

L

Liberdade 10, 23, 38, 79

Lima Barreto 27, 35, 40

Literatura 21, 78, 80, 90

Louis Althusser 17

M

Marielle Franco 1, 2, 3, 11

Max Weber 5, 15, 27, 29

Mulheres 31, 76, 78, 79, 80, 86, 89, 100

Música 16, 17, 20, 21, 22, 88

O

Oligarquias 27, 39, 41

P

Participação 20, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 54

Pierre Bourdieu 1, 4

Poder 1, 3, 4, 5, 7, 15, 18, 19, 20, 28, 29, 30, 32, 35, 43, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 74, 75, 85, 87, 88, 91, 92, 94, 96

Polícia sanitária 59, 60, 62, 66, 68, 69, 70, 72, 74

Política externa 91, 93, 94, 95, 97

Povo 8, 9, 25, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 47, 95, 96

R

Relações internacionais 91, 92, 93, 99

República 1, 14, 19, 27, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 59, 61, 65, 75, 92, 93, 94

Roteiros sexuais 81, 83

S

Século XIX 27, 33, 59, 62, 63, 64, 65, 67, 73, 74

Século XX 28, 64, 65, 85, 93

Século XXI 25, 45, 47, 48, 51, 54, 97

Sexualidades 76, 77, 78, 79, 83, 86, 87, 88

Sociedade 8, 9, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 24, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 43, 45, 54, 64, 76, 89, 92

Subjetividades 76, 77, 79

T

Tempo presente 76, 82, 100

História e Política:

**Pensamentos
constitutivos
e críticos**




-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2021


História e Política:


**Pensamentos
constitutivos
e críticos**



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 Atena
Editora

Ano 2021